

A justa raiva, uma categoria essencial da utopia freiriana

The *just anger*, an essential category of Freire's utopia

Leandro Capella

capella.leandro@gmail.com

Doutorando em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professor da Escola de Educação da Universidade Anhembí Morumbi-SP.

Resumo

Este artigo objetiva discutir a *justa raiva* como categoria do pensamento freiriano. Para isso, procura-se diferenciá-la da raivosidade e articular a noção de *rebeldia* como deflagração da *justa raiva* e etapa transitória que precede a *revolução*. Conclui-se que a *justa raiva* é uma categoria essencial da utopia freiriana de transformação do mundo e que senti-la é um direito daqueles que se indignam perante a desumanização.

Palavras-chave: Paulo Freire; transformação do mundo.

Abstract

This article aims to discuss the *just anger* as a freirean category of thinking. To this end, we seek to distinguish the *just anger* from rage and articulate the idea of *rebellion* as the outbreak of the *just anger* and as the transitional stage that precedes the *revolution*. It is concluded that the *just anger* is an essential category of Freire's utopia of transformation of the world and that this feeling is a right of those who are indignant towards dehumanization.

Keywords: just anger; Paulo Freire, utopia; transformation of the world.

Introdução

*Uma coisa me parece muito clara hoje: jamais tive
medo de apostar na liberdade, na seriedade, na
amorosidade, na solidariedade, na luta em favor das
quais aprendi o valor e a importância da raiva.*

Paulo Freire

25 de maio de 2020, Minneapolis, Estados Unidos. George Perry Floyd Jr., um afro-americano de 46 anos, foi abordado pela polícia local por suspeita de usar uma nota falsificada de 20 dólares em um pequeno supermercado. Durante a abordagem, Derek Chauvin, um policial branco, permaneceu pressionando o pescoço do suspeito, que já se encontrava deitado e algemado, com seu joelho. Durante os mais de nove minutos que a ação truculenta durou, George Floyd gritou desesperadamente por mais de vinte vezes “Eu não consigo respirar!”, suplicando para que o policial aliviasse a pressão exercida em seu pescoço. George não resistiu e faleceu a caminho do hospital. Nos dias seguintes, uma onda de protestos se desencadeou em Minneapolis, nos Estados Unidos, e ao redor de todo mundo sob o lema *Vidas Negras Importam*.

Os protestos foram marcados por ira, rebeldia e desobediência à lei e à ordem, valores tão prezados pelas forças econômicas e políticas dominantes. George Floyd poderia ter sido apenas mais um afro-americano vítima da truculência policial e do racismo a transformar-se em estatística. Não foi. Sua violenta morte se tornou um símbolo de luta e resistência contra o racismo nos Estados Unidos e no mundo.

Embora a morte de George Floyd não tenha acabado com o racismo incrustado há séculos em nossa sociedade, tornou-se um marco que contribuiu significativamente com as jornadas de mobilização, conscientização e vigilância contra essa grande mazela de nossos tempos. Sua morte desencadeou uma onda de protestos deflagrados pela raiva, pela ira, uma *justa ira*. Foi a faísca que deu início a atos de rebeldia, promovidos à mobilização conscientemente revolucionária. Irrompidos pela *justa raiva* daqueles que sentem na pele as pulsões desumanizadoras decorrentes do racismo e da segregação racial. *Justa raiva*, também, daqueles que, embora não sintam na pele, optaram por aderir ao projeto utópico de um novo mundo.

A mesma *justa raiva* que é sentida por brasileiras e brasileiros que não se conformam em assistir passivamente aos boletins diários sobre o número de mortos da Covid-19. Estes se indignam diante do flagrante aumento da pobreza e da desigualdade social e se negam a aceitar docilmente a destruição sistemática de nossa fauna e flora pela caneta do governo federal.

A *justa raiva*, como categoria de pensamento, é um importante pressuposto teórico-prático para a organização das lutas e resistências dos dias de hoje, dias de forte retomada dos “três unicórnios que habitam a terra das causas” (Santos, 2020, p.11): o capitalismo (em sua face neoliberal e orientada ao mercado financeiro), o colonialismo e o patriarcalismo. Ela é um tema presente no quadro teórico de Paulo Freire e, defende-se neste artigo, configura-se um elemento essencial de sua utopia de transformação. A *justa raiva* emerge da denúncia feita pelo autor das diversas situações de desumanização, que não se limitam à educação. Sua análise e problematização é indissociável das questões sociais mais amplas, de modo que essas dimensões - educação e sociedade - afetam-se mútua e dialeticamente.

Diante do exposto, objetiva-se discutir a *justa raiva* como uma das categorias freirianas que fomentam a utopia revolucionária de transformação social. O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiramente, procura-se conceituar e situar a categoria *justa raiva* na obra de Paulo Freire; em seguida, apresenta-se a argumentação freiriana que abarca a diferenciação entre a *justa raiva* e a raivosidade; finaliza-se com a discussão acerca dos subsídios que evidenciam a *rebeldia* como deflagração da *justa raiva* e o momento transitório para a atitude conscientemente revolucionária e anunciadora de um mundo novo.

A *justa raiva* (ou *justa ira*)

Em diversas de suas obras, ao discutir o direito de se indignar perante as diversas situações de desumanização, Paulo Freire recorre ao que ele chama de *justa raiva* (ou *justa ira*)¹ como não somente um direito, mas também uma importante força motriz para a superação da opressão social, pobreza, fome, mistificação da realidade, violência e de todas as outras situações desumanizadoras decorrentes das contradições sociais que o neoliberalismo gera. Freire descreve em *Pedagogia da Esperança* (2016) sua vocação de não aceitar calado, passivamente domesticado e complacente o fato de que o sistema econômico vigente produz a pobreza, a fome, o desemprego por meio da perpetuação das classes e das desigualdades sociais. Na obra, o autor defende as lutas esperançosas, com *justa ira*, contra “as injustiças, os abusos, as extorsões, os ganhos ilícitos, os tráficos de influência, o uso do cargo para a satisfação de interesses pessoais”, ressaltando a incorreção de “que todas e todos os que forem julgados culpados não sejam severamente, mas dentro da lei, punidos” (Freire, 2016, p.16).

¹ A de Cristo contra os vendilhões do templo. A dos progressistas contra os inimigos da reforma agrária, a dos ofendidos contra a violência de toda discriminação, de classe, de raça e de gênero. A dos injustiçados contra a impunidade. A de quem tem fome contra a luxuriosa com que alguns, mais do que comem, esbanjam e transformam a vida num desfrute (Freire, 1996, p.40, nota de rodapé).

Essa discussão é retomada em *Pedagogia da Indignação*, quando Freire ressalta o direito de expressarmos nossa *justa raiva* contra o sistema capitalista vigente e suas contradições:

Não posso aceitar calado e “bem-comportado” que um bilhão de desempregados com quem o século se encerra sejam considerados uma pura fatalidade deste momento. Nenhuma realidade social, histórica, econômica é assim porque está escrito que assim seja. (Freire, 2000, p.53)

Ao justificar sua recusa à aceitação dessas violências em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p.14) nos explica que ela se legitima no inacabamento dos homens e mulheres e em seu “permanente movimento de procura”, que leva da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. O autor também critica “a malvadez neoliberal” e o “cinismo de sua ideologia fatalista” e realça o porquê de seu tom de “legítima raiva” e seu total desinteresse em atuar como mero observador do mundo:

Daí a crítica permanente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. (Freire, 1996, p.14)

Ao tratar dessa temática, Paulo Freire se utiliza de uma ilustração recorrente em suas obras, uma triste injustiça social que levou famílias desesperadas a se alimentarem de lixo hospitalar descartado em um grande terreno na periferia de Olinda. A denúncia dessa situação é feita, primeiramente, em *À Sombra desta Mangueira* (Freire, 1995). No entanto, é no texto presente em *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996) e *Pedagogia da Indignação* (Freire, 2000) que o autor articula esse revoltante fato com a *justa raiva*. Na passagem em questão, descreve sua experiência com Danilson, um educador popular. Enquanto caminhavam por uma favela, ambos se questionavam sobre suas possibilidades como educadores em um contexto tão desumanizado e vilipendiado como aquele com que eles se deparavam.

Paramos no meio de um pontilhão estreito que possibilita a travessia da favela para uma parte menos maltratada do bairro popular. Olhávamos de cima um braço de rio poluído, sem vida, cuja lama, e não água, empapa os mocambos nela quase mergulhados. “Mais além dos mocambos”, me disse Danilson, “há algo pior: um grande terreno onde se faz o depósito do lixo público. Os moradores de toda esta redondeza ‘pesquisam’ no lixo o que comer, o que vestir, o que os mantenha vivos”. Foi desse horrendo aterro que há dois anos

uma família retirou de lixo hospitalar pedaços de seio amputado com que preparou seu almoço domingueiro. (Freire, 1996, p.74; 2000, p.36).

Ao denunciar tamanha violência – essa desesperadora situação de fome que levou uma família a preparar um almoço com restos humanos, Freire (1996; 2000) retoma a discussão acerca do direito de sentir a *justa raiva* e sua relação com a assunção de que somos sujeitos históricos, atores, e não meros espectadores de nosso tempo. Para o autor, essa ira justifica-se no fato de que nossa experiência no mundo não é algo pré-dado, mas um desafio, um problema:

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade e não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser, não haveria sequer por que ter raiva. (Freire, 1996, p.75; 2000, p.36).

Com base nos subsídios apresentados ao longo desta seção, amparados na discussão freiriana acerca do tema, define-se a *justa raiva* como um sentimento legítimo deflagrado nas vivências e experiências de injustiça, violência e desumanização que decorrem das contradições geradas pelos sistemas político, ideológico e econômico vigentes, fortemente marcados pela díade capitalista neoliberalismo-mercado, pelo colonialismo e pelo patriarcalismo. É um direito do povo sentir a *justa raiva*, pois são sujeitos históricos e inacabados, conscientes de que o amanhã não está predeterminado e, sendo assim, embora difícil, é possível mudá-lo.

Justa raiva X raivosidade

Para diferenciar a *justa raiva* da raivosidade, Paulo Freire vincula essa discussão ao que ele chama de *pensar certo*, categoria que sistematiza e realça a coerência no discurso progressista e libertador de sua pedagogia, orientada para a superação de todas as situações de opressão. Desse modo, o *pensar certo* exige o estreitamento da relação falas-atos, ou, nas palavras do autor, “a corporificação das palavras pelo exemplo” (Freire, 1996, p.34). Ainda na *Pedagogia da Autonomia*, o autor nos ensina que o ato de *pensar certo* exige humildade. E mais, “pensar certo é fazer certo” (Freire, 1996, p.34), é a aceitação dos riscos e de ideias novas. É rejeitar qualquer tipo de discriminação, seja ela de classe, gênero, etnia, orientação sexual ou religião.

Dentro da ética do *pensar certo* como pressuposto para a educação libertadora, Freire (1996, p.49) admite a dificuldade que há em não permitirmos que um sentimento de raiva -

muitas vezes justo, porque advindo do *pensar certo* – transforme-se em raivosidade, decorrente de um “pensar errado e falso”. O autor enfatiza a importância da tolerância e do respeito ao pensar diferente, mesmo quando julgamos que esse pensar não é certo:

[Pensar certo] É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade que gera um pensar errado e falso. Por mais que me desagrade uma pessoa não posso menosprezá-la com um discurso em que, cheio de mim mesmo, decreto sua incompetência absoluta. Discurso em que, cheio de mim mesmo, trato-a com desdém, do alto de minha falsa superioridade. A mim não me dá raiva mas pena quando pessoas assim raivosas, arvoradas em figuras de gênio, me minimizam e destratam. (Freire, 1996, p.49)

Nota-se, ainda, no excerto, a importância que Freire dá à humildade na construção do *pensar certo*, alertando para que não nos percamos em discursos ensimesmados e armadilhas de ego que, conseqüentemente, levam à criação de uma autoimagem pautada na soberba. O autor também nos alerta para que as discordâncias que emergem no diálogo, contradições tão essenciais à democracia e ao projeto utópico de um mundo novo, não se transformem em raiva desmedida, muitas vezes desproporcional ao impasse existente.

Para exemplificar a raivosidade, Paulo Freire recorre à história de um professor que proibira uma estudante de ler suas obras:

Uma dessas pessoas desmedidamente raivosas proibiu certa vez estudante que trabalhava [sua] dissertação sobre alfabetização e cidadania que me lesse. “Já era”, disse com ares de quem trata com rigor e neutralidade o objeto, que era eu. “Qualquer leitura que você faça deste senhor pode prejudicá-la.” Não é assim que se pensa certo nem é assim que se ensina certo. Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando a quem tem o direito à raiva, a distingue da raivosidade irrefreada. (FREIRE, 1996, p.35)

Como é possível notar, as falas do professor em questão são produto de uma raiva desmedida, muito possivelmente causada pela discordância política ou pedagógica das visões de Paulo Freire. Discordância essa que, pautada em um pensar errado, raivoso, decreta soberbamente a obsolescência da obra de nosso autor. Uma falsa, arrogante e inexistente certeza dos fatos.

Ainda distinguindo a *justa raiva* da raivosidade, Paulo Freire reforça a importância da primeira na educação. Essa raiva, a raiva que vem do *pensar certo*, deflagra-se em atos-limites que nos guiam à superação da opressão vigente. É a partir do sentimento da *justa ira*, por exemplo, que surgirá a faísca para que nos organizemos e nos mobilizemos em nossas lutas por

melhores condições na educação, por infraestrutura digna, merenda digna, salários dignos. Por outro lado, Freire (1996, p.40-41) nos alerta sobre os perigos da raiva desenfreada, sem limite, “que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade”:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade (Freire, 1996, p.40-41).

Após essa discussão, é possível definir a noção de raivosidade na matriz freiriana de pensamento como a raiva desmedida, fruto de um pensar falso, errado. Uma raiva que deflagra falas e atitudes ensimesmadas e prepotentes. Por carecer de humildade, a raivosidade acarreta a incoerência entre as falas e os atos.

Em oposição, a *justa raiva* é fruto do *pensar certo*, que se faz na humildade. A *justa raiva* surge no desejo de pôr fim às injustiças e violências causadas pelos “três unicórnios” citados na introdução deste artigo, no desejo e no sonho de construção de um mundo novo. Desejo e sonho que devem se refletir não somente em falas, mas também em atos. Assim, pautando-se no *pensar certo*, a *justa raiva* pressupõe a corporificação de nossas palavras pelo exemplo.

Da justa raiva à transformação do mundo

Dentre as categorias freirianas amplamente estudadas, a *rebeldia* talvez seja aquela que possua maior confluência à noção de *justa raiva*. Sendo assim, para dar continuidade a essa discussão, é importante compreender seus sentidos na matriz de pensamento do autor.

No *Dicionário Paulo Freire*, Moretti (2017, p.345) esclarece que a *rebeldia* possui, na obra freiriana, conotação positiva, pois é “parte de um processo de transitividade de consciência e de transição para outra sociedade.” Assim, é possível estabelecer inicialmente a *rebeldia* como um processo de transição, um estado de consciência que precede a atitude conscientemente revolucionária.

A autora ressalta que, na obra de Freire, a *rebeldia* e a *revolução* não devem ser tratadas como termos sinônimos, pois para transformar-se em *revolução*, a primeira “precisa ser educada para que tome, portanto, dimensões transformadoras, revolucionárias e não tenha um fim em si mesmo” (Moretti, 2017, p.346). O caminho que nos leva da *rebeldia* à *revolução* perpassa o processo de conscientização, em outro processo transitório, que leva os sujeitos do estado de consciência ingênua até o estado de consciência crítica (Freire, 1967).

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p.79) reafirma a *rebeldia* como “ponto de partida indispensável” para a consciência revolucionária, uma etapa de transição necessária. O autor, no entanto, esclarece que a *rebeldia* não é por si só suficiente, porque “enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora”:

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é *deflagração da justa ira*, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (Freire, 1996, p.79, grifo nosso).

Acerca de seu caráter transitório, Freire posiciona a *rebeldia* como *deflagração da justa ira*, ou seja, atitude resultante de um sentimento de indignação justo, produto da total negação da passividade e da subserviência perante as transgressões éticas desumanizadoras causadas por forças econômicas, políticas e ideológicas dominantes. Essa reflexão reforça o ponto defendido neste artigo de que a *justa raiva* é um conceito essencial da utopia freiriana, pois se deflagra na *rebeldia*, que, ao desenvolver-se em posição mais radical e crítica, transforma-se em atitude revolucionária que anuncia a superação das situações de opressão – a utopia de Paulo Freire e, também, a utopia nossa, de pesquisadores progressistas comprometidos com um projeto de mundo novo.

O esquema a seguir (Figura 1) sistematiza o processo de transitividade que leva da *justa raiva* à transformação do mundo.

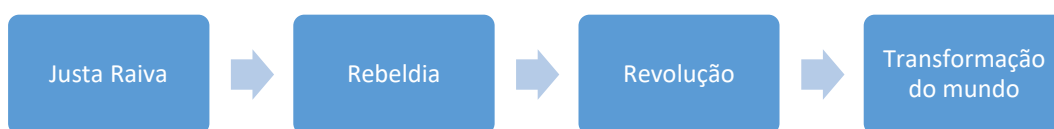


Figura 1: Da *justa raiva* à transformação do mundo
Fonte: elaboração própria

Considerações finais

Como não sentir *justa raiva* em mundo onde, diariamente, centenas de Georges Floyds anonimamente perdem a vida? Como não sentir *justa raiva* perante um governo que assiste passivamente a centenas de milhares de pessoas perdendo a vida para a Covid-19? Como não sentir *justa raiva* diante de um presidente que nega a letalidade do vírus em rede nacional, que desdenha daqueles que usam máscara, que querem vacina? De um governo que nega a ciência e mistifica o uso de medicamentos sem eficácia comprovada, como se esses fossem a solução mágica para o tratamento de uma doença que já matou 392.000 brasileiras e brasileiros²?

Como aceitar calado e bem-comportado o ministro do meio ambiente que se compromete com a destruição do meio ambiente? Esse mesmo ministro protege os inimigos do meio ambiente, luta para viabilizar a exploração do garimpo ilegal e da extração de madeira ilegal na Amazônia e defende, com unhas e dentes, grileiros e invasores da floresta e das terras indígenas.

Como se calar diante do aumento da pobreza e da desigualdade social? Diante de um governo cruel e incompetente, que mata seu povo em nome da salvação da economia, mas vê, do alto de seus privilégios, o povo morrer do vírus e de fome?

No dia anterior ao que estas linhas foram escritas, escutei de meu pai sua revolta ao testemunhar, durante a visita semanal à feira das terças-feiras, tão próxima de minha casa, uma senhora já idosa implorando para que a vendedora da barraca de ovos lhe vendesse 4 unidades por R\$ 2,00. Sem nenhum conhecimento teórico formal acerca do conteúdo deste artigo, a indignação de meu pai, em voz alta e vívida, exemplificou a *justa ira* de Paulo Freire: “Como não se revoltar? Aqueles ovos deveriam ser a mistura dos netos dela”.

São histórias como essa que justificam as denúncias e questionamentos aqui trazidos para discussão. Se não nos rebelarmos, tomados pela *justa ira*, como superaremos essas violências? Como poderemos desenvolver nossas capacidades de organização e mobilização, para que elas nos levem à *revolução*, ao anúncio de nosso sonho, nosso projeto de mundo novo?

Para isso, temos de estar ao lado do povo e com o povo. Em suas jornadas de conscientização, de deflagração da *justa raiva* na *rebeldia* até a *revolução*. Como nos ensinou Freire (1996, p.101), seria uma imoralidade que juntássemos nossas vozes “à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação”. Assim como a

² Dados de 27 de abril 2021, contabilizados pelas Secretarias Estaduais de Saúde e aferidos pelo consórcio de veículos de imprensa (Folha de São Paulo, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1).

voz de Paulo Freire, nossas vozes devem possuir “outra semântica (...) outra música”. A nossa voz deve falar “da resistência, da indignação, da ‘justa ira’ dos traídos e dos enganados.”

Não é para eles que queremos essa *revolução*. É com eles. Nosso sonho é construído em comunhão com o povo, pois somos povo. Embora utópicos, não somos ingênuos. Assim como nosso autor, sabemos que mudar é difícil, mas é possível. E a mudança se inicia em nosso direito de sentir a *justa raiva*.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MORETTI, Cheron Zanini. Rebeldia/Rebelião (verbete). In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p.345-348.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus* [recurso eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2020.